



Reseña del libro: *No limite da palavra: percursos pela poesia italiana*, Patricia Peterle, 7Letras, Rio de Janeiro, 2015

Monique Bione

nickbione@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Do que é feita a poesia? Qual a sua finalidade? Por que ela se faz necessária? Tais perguntas foram inúmeras vezes proferidas, mas será que em algum momento foram realmente respondidas? Essas perguntas surgem insistentes quando lemos *No limite da palavra: percursos pela poesia italiana* de Patricia Peterle, professora de Literatura Italiana da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e autora de diversas publicações, tais como *Ignazio Silone: encruzilhadas entre literatura, história e política* (2011) e *O homem e os animais: contemporaneidades em Umberto Saba* (2014). *No limite da palavra*, recém-lançado pela editora 7Letras, traz a proposta de um percurso sobre a poesia italiana do século XX, com algumas passagens pelo século XXI. A autora também nos aproxima de importantes poetas italianos ao trazer, para uma possível leitura sob o olhar da contemporaneidade, poemas de Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale, Vittorio Sereni, Giorgio Caproni e Enrico Testa. Nada é definitivo assim como a conclusão interpretativa de um poema. É diante de uma suspensão de ideias e uma “possível leitura”, como a própria autora nos fala, que percorremos essa publicação.

Esta obra traz uma linguagem que flui numa arqueologia de significações, e percorre tranquilamente os signos entrelaçados nos poemas. Com uma consonante melodia, propõe um tocar de *clacson* para pontos existentes nos poemas que, de tão singelos, nos passariam despercebidos. Peterle parece transpor para a escrita a própria poesia por ela analisada, transferindo beleza e cadência para as suas linhas. Constrói uma arqueologia poética, cruzando estudos de pensadores como: Giorgio Agamben, Gilles Deleuze, Walter Benjamin, Jacques Derrida, Carlo Ginzburg, entre vários outros, e uma estruturada análise crítica da produção dos poetas italianos já citados. Os desdobramentos presentes em toda a obra carregam consigo as experiências poéticas dos poetas que, por sua vez, se tocam constantemente através da *arke*¹ trazida por Peterle, evidenciando toda a trama poética por trás das produções deles. Estes poetas se cruzam e se tocam em diversos momentos e, em alguns, se explicam no decorrer de

¹ Isto é, da origem. Peterle cita a noção de arqueologia abordada por FOUCAULT, Michel em *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

Bione, M. / *Reseña del libro: No limite da palavra: percursos pela poesia italiana*, Patricia Peterle, 7Letras, Rio de Janeiro, 2015

todo livro; eles tecem uma “relação crítica”, como menciona a autora. Todo o seu percurso nos leva a um destino de esclarecimento e apagamento numa análoga trajetória crítica onde “a sensação é a de que quanto mais se lê, mais o texto é destramado; mais se conhece (ou se pensa conhecer); mais está distante²”.

Na introdução da publicação fica nítido o objetivo proposto: um percurso entre potência, ruína e enigma; entre rastros, tempos e olhares; entre apagamentos, mortes e renascimentos. A busca numa suspensão de infinitas definições. A poesia italiana surge nesta edição não como uma completa reunião dos seus escritores mais influentes ou, como disse Peterle, “uma fotografia da poesia italiana do século XX”, mas tem como intenção “[...] um possível (não único) arquivo poético³”. O texto está dividido em cinco ensaios, são eles: “Inesgotável segredo: indícios na poesia de Giuseppe Ungaretti”; “*come un essenziale alfabeto*: amargo aroma de Eugenio Montale”; “Vittorio Serene, poeta do contato”; “Vozes e murmúrios: dissimulações em Giorgio Caproni”; “Outra via: *vivo all’ablativo* – percursos de Enrico Testa”.

Em “O valor absoluto da palavra em Giuseppe Ungaretti”, desestabilizante é o primeiro adjetivo que Patricia Peterle usa para referir-se à poesia de Ungaretti, e não por acaso. No caminho que percorremos ao lermos as estrofes, nos deparamos com pedregulhos e vazios numa poesia marcada por uma presença/ausência: tais premissas são rachaduras permanentes na língua de Ungaretti. Peterle destrincha o próprio autor para esmiuçar o seu caráter poético, envolto em um conjunto de distintas pátrias das quais o poeta fez parte, evidenciando a sua “pluralidade cultural” demasiado marcante.

Para fazer possíveis leituras das poesias de Ungaretti, dentro da imensidão de suas paisagens desérticas, a autora nos situa no tempo histórico e social do poeta, além de trazer, com Walter Benjamin, um enriquecido resgate teórico para pensar o conceito de origem. Usar a origem nunca será resgatar a mesma de forma idêntica, será somente uma constituição do que existiu, a restauração daquilo que foi. É através das fissuras, dos pontos ditos menos importantes, mas que podem “se tornar reveladores⁴”, que Peterle busca fazer uma investigação da poesia desse autor italiano.

O dentro e o fora têm pesos iguais na poesia de Ungaretti, numa relação de intensa extração da experiência sofrida com a guerra. Presenciar tão intimamente a destruição da Primeira Guerra Mundial fez com que o poeta transferisse os destroços da paisagem experimentada para a sua escrita, de tal forma que, segundo Peterle, “seria possível olhar para os textos de Ungaretti e vê-los como possíveis ruínas⁵”. Para perceber o enigma dos versos desse poeta, a escritora propõe “escavar a poesia” em um percurso

² PETERLE, Patricia. *No limite da palavra: percursos pela poesia italiana* – 1 ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, p. 9, 2015.

³ *Idem*, 2015, p.9.

⁴ *Idem*, 2015, p. 15.

⁵ *Idem*, 2015, p.18.

Bione, M. / *Reseña del libro: No limite da palavra: percursos pela poesia italiana, Patricia Peterle, 7Letras, Rio de Janeiro, 2015*

por passagens inóspitas em busca de uma decifração constante e indefinível. Ungaretti está voltado para o valor intrínseco da palavra e é por essa, entre tantas características, que a proposta feita por Peterle – de observar pontos esquecidos – se torna tão necessária para se aprofundar na escritura desse poeta.

No capítulo dedicado a Eugenio Montale, “A poesia insalubre de Eugenio Montale”, Peterle apresenta o poeta de dentro para fora; isto é, da parte que se decompõe para a criação, e propõe caminhos receptivos e interpretativos de *Ossi di seppia* (1925), que são “versos fundamentais da poesia italiana do século XX” (2015, p. 25). No presente capítulo, a riqueza literária montaliana é evidenciada com todo o peso ácido da coletânea de poesias de *Ossi di seppia*; onde o “reverso” se faz presente através dos “cacos”, “dilúvios”, “precipícios”, termos para os quais a autora chama a atenção, e que permeiam toda a obra. Peterle apresenta o mundo “carcomido” de Montale e faz perceber a mensagem do poeta atrás do seu azedume e conflitos, ou seja, nas “fraturas, deslizamentos que o poeta lígure observa no dia a dia da sociedade, da relação entre os homens, encontrando ecos na áspera/doce paisagem da *riviera* da Ligúria e propondo-os como *excriação*⁶”.

A possibilidade do poeta é o “não dizendo diz”, quer dizer, é o falar sobre o que não é com a impossibilidade do que é, simplesmente, porque não está definido ou não se conhece. Na análise dos percursos de Montale, e no entrelaçamento da sua poesia, Peterle também entrelaça o seu texto com autores que se movimentam constantemente, isto é, passam da posição de *corpus* para estudiosos. Por exemplo, no presente capítulo, o professor e poeta Enrico Testa – escritor também estudado nesta obra – surge como herdeiro e pesquisador de Montale. Esse compasso harmônico entre poetas, que se tocam constantemente, proporciona um olhar particular no entendimento da poética dos mesmos. História, o tempo de catástrofe, a questão da palavra e a organicidade de *Ossi* são algumas das questões montalianas abordadas aqui e que, dessa forma, incitam o leitor a pensar em Montale e pensar uma vez mais na própria poesia.

“A indagação em Vittorio Sereni” é o capítulo dedicado a Vittorio Sereni, no qual Patricia Peterle traz toda a mescla da experiência coletiva e individual atuantes nos versos do poeta. Ela também nos situa na questão interrogativa constante de Sereni e a “célebre partícula adversativa ‘mas’⁷”, que caracteriza a escrita do autor. Há uma aproximação dos poetas italianos estudados nesta publicação, poetas que se congruem em experimentações distintas e ao mesmo passo espelhadas entre si. No mesmo compasso que Peterle fala sobre a aproximação e distanciamento do eu em Sereni, cria igual simetria com o seu texto ao mostrar o mundo paralelo do poeta; isto é, a relação interior e exterior de Sereni pode ser percebida também no estudo que é proposto dos seus poemas. Em alguns momentos, as linhas da escritora se assemelham a uma

⁶ *Idem*, 2015, p.26.

⁷ *Idem*, 2015, p.41.

Bione, M. / *Reseña del libro: No limite da palavra: percursos pela poesia italiana*, Patricia Peterle, 7Letras, Rio de Janeiro, 2015

extensão da poesia dos poetas italianos, numa sincronia linguística e temática. A sua análise se desdobra numa ritmada significação poética.

No capítulo “Giorgio Caproni e o reverso”, a poesia de Giorgio Caproni deve, segundo Peterle, ser escavada, unir os fragmentos e fazer amarras de entendimentos. Da ruína para a ruína, a sua poesia se cria e recria uma ressignificação. A imensidão do mar é usada por Caproni como o lugar eleito, e as suas poesias levantam questionamentos diante da vida, numa busca solitária por um *tópos*. O abandono da palavra – em forma de crise da linguagem –, resulta numa escrita suave misturando erudição e cotidianidade: “a morte se apresenta diante do sujeito e a experiência da guerra adentra nos ossos e na poesia caproniana⁸”. Peterle evidencia a relação que Caproni estabelece entre palavra e coisa – uma vez que é leitor de Rainer Rilke – entre o escrever poesia e o pensar. Com um rico resgate de algumas poesias de Caproni e definições do que é a palavra, a autora nos situa dentro da maneira de produção poética do italiano.

“Inquietação nas armadilhas de Enrico Testa”, o último capítulo, mas não menos importante, traz toda a singularidade de Enrico Testa através de um apanhado de poesias retiradas, principalmente e não unicamente, de obras como *Pasqua di neve* (2008) e *Ablativo* (2013). Inquietação e angústia estão presentes nas linhas aparentemente simples de Testa e “oferecem a possibilidade de uma reflexão sobre ‘purgatórios terrestres’, em que categorias outrora confiantes e legitimadas, que asseguravam uma aparente serenidade, hoje não são mais possíveis⁹”. O deslocamento territorial, através das viagens constantes, é impresso na poesia de Testa que presenteia o leitor com uma variável entre “o familiar e o estranho”. Em um constante apagamento, o poeta embarca numa busca eterna e sem conclusão do sujeito. O passado se configura como uma impossibilidade; quer dizer, ele pode recriar o passado através de resíduos, mas nunca poderá constituí-lo inteiramente ou da mesma forma.

No limite da palavra cumpre a sua proposta, a de fazer um percurso pela poesia italiana, e vai além, pois faz uma transposição territorial e cultural ao romper barreiras entre o Brasil e a Itália. Os dois lados da mesma face poética são escavados nesta publicação através das aproximações de vozes plurais, emitidas por Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale, Vittorio Sereni, Giorgio Caproni e Enrico Testa. Nesta bela publicação, desnudar a palavra se apresenta urgente e inquietante.

Referências

Peterle, P. (2015). *No limite da palavra: percursos pela poesia italiana*. – 1.ed. – Rio de Janeiro: 7Letras.

⁸ *Idem*, 2015, p.54.

⁹ *Idem*, 2015, p.70.